TRECHOS DE ALGUNS TEXTOS MEUS:

TRECHO 1:

Parei ali, dentro d’água, e olhei ao redor. Na pele, o frio da água doce e o som de sua queda. Uns bois, ao longe, matam a sede. Muito verde. Azul intenso. Um mergulho longo em outra dimensão e, ao chegar à tona, não tenho base sob meus pés. Membros agitam–se gostoso mantendo o corpo na superfície. Alcanço a pedra e caminho pelo mato, ferindo o pé da cidade grande, enquanto subo o rio. Ora em terra, ora na margem molhada, alcanço uma queda d’água quase gigantesca. Apoiando–me nas pedras, lutando contra a correnteza, encontro uma cadeira natural e nela descanso, deixando a água escorregar pelo meu corpo, massageando–o.

Ao abrir os olhos, encontro as copas das árvores que ocultam o sol. Detalhando a paisagem, desço a vista por cada caule. Observo um pequeno mico caminhando, assustado, pelos galhos de uma árvore. Sonolenta, viro para meu lado esquerdo e, obedecendo a linha do tronco central de uma árvore, deparo–me com uma linda flor lilás e branca: uma orquídea.

CONTINUA...

TRECHO 2

RETRATOS

Carrego a caixa até a beira do lago. Sento-me devagar e mergulho meus pés doídos na água gelada. Tiro a tampa com cuidado e começo a devassar seu conteúdo: cartões postais de lugares que nunca conheci, pequenas cartas que a vista cansada mal decifra, uma fita quase branca, uma folha seca...

Sem sentir, as fotos pousadas no fundo da caixa voaram para as minhas mãos, que passeiam pelas lembranças. As poucas fotos amareladas pelo tempo estão encharcadas de recordações. Vou passando-as uma a uma e deitando-as na água tranquila do lago. Elas flutuam: papai sério na estação, vovó na frente da casa de pau-a-pique, o sorriso inocente de meu irmão, titia antes de adoecer...

Balanço os pés, provocando pequenas ondinhas que vão carregando para longe pedaços de minha vida. Restam dois retratos apenas. Na minha mão esquerda, eu esboço um sorriso forçado para a câmera. O brinco e o colar são resquícios de uma vaidade sufocada pelo lenço. A fita do Senhor do Bonfim carrega três desejos. Não sei se alcancei algum. Não me lembro deles.

Na mão direita, a pose na escola. CONTINUA...

TRECHO 3

**ESQUINAS**

Ouvi o seu chamado. Queria vir correndo, mas a vida não é só uma linha reta. Ao contrário, tem esquinas. Muitas esquinas.

E a todo instante nos surpreendemos em uma delas. Paramos, damos uma olhada para cada lado, como a observar atentamente se a travessia é segura. Então passamos para o outro lado, seguindo em linha reta, até alcançar outra esquina.

Por vezes optamos por pegar outra avenida, mantendo o lado da calçada. Pode ser por medo da travessia, ou por não ter uma mão a nos guiar.

O fato é que venho atravessando muitas avenidas e com o passar do tempo tenho me mantido mais tempo parada nas esquinas, pensando cuidadosamente em que rumo tomar.

Dia desses, peguei uma dessas ruelas que vinha há muitos anos cruzando as minhas avenidas. Uma ruela misteriosa, silenciosa. E descobri o que sempre imaginei: toda ruela tem sua graça. Mas ruela é ruela. Curta, breve, com mais mistérios do que graça. Assim, facilmente dobro outra esquina e cá estou novamente em minha rua larga e segura.

CONTINUA...

TRECHO 4:

Amantes

A mesa posta. Flores quase murchas e velas chegando ao fim da vida. No forno, a refeição fria. O ponteiro do relógio já bem avançado. Seus cabelos despenteados e o copo vazio do vinho já aberto.

Um trago. A chave na porta. Tão tarde... Seu corpo ainda inteiro dentro do vestido negro aparece na frente dele.

Ela o mira, desvia o olhar para a mesa decorada com carinho.

* Eu...

Ele a corta com um gesto, como quem diz: “Não diga nada! Não há necessidade de desculpar-se. Poupe-nos da mentira!”. Entorna mais vinho na taça. Levanta, liga o forno pela quarta vez, troca as velas.

Ela, surpresa, estática, permanece colada à porta de saída.

CONTINUA...